



## A Igreja Católica e o Mundo se despedem de Francisco, o Papa latino-americano

• PAG 4, 5 e 6



O Papa Francisco escreveu: "Não devemos ter medo da velhice, não devemos temer abraçar o envelhecer, porque a vida é a vida, e adoçar a realidade significa trair a verdade das coisas"

## "Mulheres Brilhantes" é como o fotógrafo Herbert Alves batizou nova exposição de fotos

• PAG 7

Divulgação



### O PAPA

Francisco recebeu alguns maranhenses em audiência especial, mas ninguém com mais beleza e charme do que a modelo e atriz Isabelle Cutrim, atualmente radicada em Milão, na Itália

• PÁGS. 4, 5 e 6

O homem que escreve não pensa duas vezes nos frutos de sua imaginação. Ou melhor, pensa sim. Três, quatro, cinco, um milhão... números inalcançáveis, matemática tola. Tudo resulta da somatória dos paradoxos, do ser e não ser de Hamlet, de tanta coisa, junta ou não, onde os anexos seguem em separado e o poder do que é escrito vence quem o gera.

O homem que sonha sabe que o objeto-livro, agora nas mãos de quem lê, não mais lhe pertence. As histórias escritas ao longo de tantos anos - quantas vidas idas e vindas - custaram-lhe noites de sono, marcadas pela vigília da letra, a energia de preencher, inicialmente, o papel em branco, depois a alvura luminosa da tela em transe digital.

O homem que ama reconhece a luta vã das palavras contra o mundo. Sabe dos obstáculos das ideias frente à tirania, das barreiras maquievemente maquinadas para que a utopia dê errado, explodindo o que resta de seus miolos na próxima esquina. Lembra que o cotidiano, máquina infernal de moer neurônios, é, simultaneamente, munição

## A LETRA DO HOMEM

### e a luta vã das palavras contra o mundo ou o poder do que é escrito vence quem o gera

necessária à sobrevivência do dia seguinte. Afinal, do verbo se fez tudo.

O homem que luta vai atrás das perspectivas ocultas nos pés de página. Imagina, Quixote contemporâneo, que pode influenciar o vizinho, driblando a temida tentação do outro, inferno sartriano, espelho do espanto. Munido das histórias, articula acasos, ilumina sombras, colore a frieza do cinza, recebe a magia ilusória de todas as manhãs, sabor de algo mais. O mais claro enigma é vislumbrar enigmas.

O homem que desce as escadas, cápitulos-sépalas de ramificações florais, há muito perdeu o medo de fenecer.

Doma o tempo como se ele fosse um leão faminto na arena. Humilde, admite a fúria dos semelhantes e vence as garras ferinas com um olhar de contemplação, um observar mútuo que transforma o dono da letra em vingador solitário, guerreiro sem armas, zumbi que zomba da morte.

O homem que cria brinca com a imaginação no todo e sempre de suas manhãs, tardes e noites. Preocupa-se com o futuro em um recuo ao passado, tecendo fios fecundos, sílabas que desafiam bússolas, conquistando a astúcia perene do aqui e agora. O fim do tempo é o poema que se esvai, levando consigo aqueles que amamos e dos

quais sentimos mútua saudade, ligados pela lâmina da memória. Tênuve, triste, tão verdadeira.

O homem que esparrama suas coisas pelos textos trama absurdos. Do arquivo, lá no fundo, no cafundó, peneira do vivido, nascem ilações, eleições, dúvidas. São cenas sem ordem, eira nem beira: o pai que lê Lobato ou Swift, Dumas e Defoe, terra, água, ar e mar, piratas e cernas, Zorros e zarabatanas, Tarzans e Mandrakes, beijos roubados da menina da casa ao lado, sustos no telhado, fugas da vara de materno marmelo. No fundo, o desejo e eternizar a vida no instante único, decreto e sublime da escrita.

O homem que seduz vale o que fala, mais do que pesa. São quilos de um corpo farto em ficção, desvelando a vontade indômita de equilibrar o mundo nos cinco dedos da mão direita, a mais fantástica harmonia, a equação tão difícil de ser obtida, o físsil da substância feroz, fóssil futuro, breve vegetal lenhoso que irradia o tronco, a seiva, aquosa experiência do parêntesis, abrindo espaço para o banho primordial do útero: o homem que nasce, vive e morre.

# CINEMA



Fotos/ Reprodução

O cineasta Pedro Almodóvar com as grandes atrizes de "O Quarto ao Lado": Julianne Moore (Ingrid) e Tilda Swinton (Martha)

## DECÁLOGO DE UM POEMA SOBRE A MORTE

Por sugestão de alguns cinéfilos da minha mais estreita relação de amizade, assisti em pleno Domingo de Páscoa, ao mais novo filme do espanhol Pedro Almodóvar, a quem – lembro ainda hoje – fui apresentado numa festa de aniversário da cantora Alcione, no Rio.

Trata-se de "O Quarto ao Lado" e um conjunto de sensações passou pela cabeça. Afinal, Almodóvar é um dos diretores que mais me deixa inquieto e reflexivo. Dessa vez, não diferente, temos um filme que consegue capturar um tema sensível e trata com maestria da finitude da vida humana.

Controverso, o tema da eutanásia é apresentado de forma poética e profunda. A fotografia é um show à parte e o elenco com atuação impecável da Tilda Swinton e Julianne Moore, além do John Turturro.

O Quarto ao Lado é o primeiro filme de Pedro Almodóvar falado em inglês. É uma viagem cinematográfica que me levou a refletir não apenas sobre as causas que defendo, mas também sobre as pessoas que encontro nesta luta. O filme aborda o direito a uma morte digna, uma luta travada, como é característico de Almodóvar, por mulheres fortes.

A morte continua a ser um tabu nas sociedades ocidentais e não posso deixar de pensar que isso se deve, em parte, à sociedade de consumo. Vivemos na ilusão da eternidade, alimentada pela promessa da amortalidade. No entanto, a amortalidade, por mais avançada que seja a medicina, não é sinônimo de imortalidade; os acidentes podem acontecer.

A narrativa de amortalidade ou evitamento da nossa finitude, é aliada da sociedade de consumo.

Acumular bens materiais não é prioridade para quem reconhece a sua efemeridade. A vida é finita e essa consciência pode levar-nos a viver melhor, valorizando experiências em detrimento de bens materiais.

O filme é um verdadeiro poema sobre a morte. Há nele vários apontamentos sobre alterações climáticas e é aqui que quero levar o leitor. Se ainda não o viu, sugiro que guarde este artigo para mais tarde – mas prometo não revelar spoilers importantes caso queira continuar. O roteiro é, em si, a crônica de uma morte anunciada. Não pretendo discutir a ciência das alterações climáticas, mas sim o sentimento que elas provocam na sociedade. Creio que este filme abre as portas a essa reflexão muito importante que não estamos tendo.

O primeiro apontamento surge logo ao início, quando Martha (Tilda Swinton), deitada na cama do hospital, diz à amiga Ingrid (Julianne Moore) que "teria de haver algo positivo nas alterações climáticas". Svante Arrhenius, sueco, que no século XIX demonstrou que a subida de CO2 na atmosfera leva a um aumento de temperatura, também se mostrava contente com a descoberta prometendo que o seu país em breve seria mais quente e o Báltico um desejado destino de Verão.

Claro que sobre as alterações climáticas não há nada de bom, e ninguém no filme acredita nisso.

Mas "há diferentes formas de viver uma tragédia", como se ouve no filme a dado momento.

4 A esmagadora maioria das pessoas que comigo partilham preocupações climáticas vivem num estado de agonia, terror, revolta e até pânico que, embora justificado, é contraproducente. Este estado de alma é ilustrado no filme durante um almoço. Um amigo de Ingrid e Martha, ativista climático interpretado por John Turturro, confessa problemas graves na relação com o filho porque quis ter o terceiro neto.

Pelo que tenho lido sobre alterações climáticas, confesso que não subscrevo este tipo de niilismo que nos leva a acreditar que a única maneira de resolvermos a crise climática é nos vermos livres de quem a criou.

Essa não é uma lição de responsabilidade. Claro que a humanidade tem de atingir um equilíbrio com a natureza e tal irá acontecer quando tivermos mais mulheres nas escolas e universidades. Mais mulheres emancipadas. Menos dependência no extrativismo e menos obsessão com o crescimento. Mas isso não tem de ser sinónimo de um radicalismo anti-humanista.

5 Mais uma vez compreendo a frustração e o desespero. Mas falta a alguns companheiros de luta a magia e a poesia de saber viver apesar da crise. A vida é bonita porque finda – é essa a poesia deste filme. E é precisamente por isto que a arte faz muita falta à ação climática. Saber-mo-nos humanos, capazes do melhor e do pior, tem de estar na consciência de cada um de nós.

E saber viver também tem de passar por saber morrer. Custa-me pensar que ainda vivemos numa sociedade onde a eutanásia é crime.

O filme é sobre um enorme gesto de compaixão – acompanhar alguém no seu desejo final – o que, aos olhos da lei, é sermos cúmplice desse crime. Qualquer pessoa tem o direito de compor o seu réquiem.

Um único aspecto que necessariamente não é algo negativo, mas causa estranhamento e ausência, é o fato de "O Quarto ao Lado" não ter sido gravado na Espanha. Almodóvar é tão ícone do castelhano que um filme gravado nos EUA com elenco não falantes do espanhol gera um certo vazio e artificialidade, talvez isso é algo da minha expectativa e não necessariamente um problema do filme.

Super recomendo assistir. Não é o

melhor filme do Almodóvar, mas sem dúvida é uma produção muito especial, importante e madura.

O filme é muito bom, diálogos e personagens bem construídos. Ele tem sim a essência do Almodóvar, pois ele trata de um tema muito delicado de forma sensível e com certo humor. Apesar da finitude da vida estar no cerne do roteiro, não deixa o clima pesado e desconfortável, ao contrário, nos faz refletir de forma muito subjetiva.

6 Vale assistir ao filme "O Quarto ao Lado", principalmente para quem gosta de obras onde o diálogo e o personagem são as grandes atrações, além de uma bela fotografia e uma locação maravilhosa que é Nova York.

Confesso que achei o filme lindo e perturbador. As cores fortes e o tom de voz das atrizes me deixaram hipnotizado, levando-me para dentro da história. Ouve-se os pássaros, entende-se o tédio que só o câncer deve proporcionar. Sem contar que não acredito em suicídio. Acredito que temos escolhas a fazer para viver uma experiência. Por isso esse direito não devia ser questionado, apenas respeitado.

Quem ainda não assistiu esse filme não sabe o que está perdendo. Lançado pela Netflix na semana passada, O Quarto ao Lado é uma obra impecável de Almodóvar, a fotografia, a fotografia, as cores fortes e a decoração escolhida repleta de detalhes compõe o filme com uma ternura do início até o final! Sobre a vida e a escolha de deixá-la. Sobre amizade e desencontros e encontros. Sobre filhas e mães que se perdem porque escolhem não falar. Sobre a doença mais cruel e as guerras tão cruéis e recentes e suas vítimas.

7 As entregas das atrizes principais nos emocionam e ter no fim a filha idêntica à mãe? Só a Tilda valeria o filme, mas não foi só ela que entregou um filme lindo, a narrativa e a fotografia, tão delicada e sensível nos comove.

Um filme onde Almodóvar sai da sua zona de conforto fazendo uma magnífica abordagem a um tema extremamente sensível; a finitude da vida, que é aqui tratado com a maior das dignidades.

Beleza, tristeza e intimismo andam de mãos dadas ao longo de todo o filme, graças à fantástica fotografia e ao ambiente criado na casa de campo.

De referir também, a maravilhosa trilha sonora de Alberto Iglesias.

8 Um filme simplesmente brilhante em todos seus



Martha (Tilda Swinton), diz à amiga Ingrid (Julianne Moore) que "teria de haver algo positivo nas alterações climáticas"

aspectos, na linguagem cinematográfica que consegue superar o impasse possível de uma linguagem forte nos diálogos (próprios do teatro) através dos movimentos de câmara, fusões, etc, de estabelecer diálogos com as outras artes: pintura, literatura, arquitetura de forma sutil, da propriedade com que assuntos da atualidade são inseridos como direito à vida, aquecimento global, solidão, nos subtextos do filme de John Huston "Os mortos" pela destruição do planeta, no diálogo do ambientalista John Turturro sobre o excesso populacional, na frase de James Joyce de "Os dublenses", da cenografia como a citação dos pintores Edward Hopper e Andy Wyeth, ícones da solidão humana.

9 Pedro Almodóvar é cineasta de causas, e assim que se deve entender este filme penso, é uma análise calma da morte e como os doentes não têm palavra sobre a sua. Fala a Igreja Católica, a lei, o grupo social, todos exceto quem sofre. A mentira salva a vítima, ai se Almodóvar fizera um sobre velhos num lar...e os funcionários e família... Tema difícil tratado com muita delicadeza. Uma visão do paciente que decide protagonizar sua existência até o final, convocando pessoas queridas com quem gostaria de dividir esse momento que não precisa ser apenas dramático. O filme mostra um outro olhar sobre o fim.

A fragilidade do corpo, do desejo da memória se entrelaçam numa narrativa que confronta o espectador com o inevitável.

10 Pedro Almodóvar: "Perante a morte sou como uma criança, não sou alguém maduro". E continua: "Gosto muito do final de Gente de Dublin, é um dos mais belos finais de que me lembro em filmes. É muito emocionante para a personagem de Tilda dizer as palavras de James Joyce. É uma bela maneira de falar sobre a morte. Quando ela está no hospital, cheia de dores, acontece uma primeira vez e é uma espécie de epifania, de milagre, com a janela a separar as personagens da bela Nova York.

O cair da neve converte-se na referência a algo de muito emocionante. Volta a acontecer no final, numa espécie de reencarnação do que já aconteceu. É nesse sentido a reencarnação: coisas que já aconteceram, que já foram vividas e que são vividas por outras pessoas. São os momentos mais emocionantes do filme, significa a troca entre Tilda e Julianne e a influência nelas da natureza.

Os últimos dias de Martha são em contato direto com a natureza. Esta casa está incrustada num bosque. Nesta versão das palavras de Joyce, diz-se qualquer coisa como: "Neva sobre a piscina em que nunca nos banhamos, sobre o bosque em que caminhávamos e te cansavas, neva sobre a tua filha e sobre mim, neva sobre os vivos e os mortos", a encarnação do fulminante "caindo fracamente através do universo e caindo fracamente, como a descida de seu último fim, sobre todos os vivos e os mortos", Pedro Almodóvar recebendo a neve de John Huston, que a recebera de James Joyce.

## TÃO PRÓXIMO E TÃO DISTANTE

O ator principal era o Sol, que flutuava entre nuvens até fecundar o ventre da Terra. Nada mais próximo e nada mais distante do mundo do que uma Redação de jornal. Esse pensamento me ocorreu numa sexta-feira, dia em que todas as pessoas de todas as Redações de todos os jornais do planeta são acometidas de uma síndrome aguda de tensão extrema, quando não de uns dois quilotons de angústia acumulada.

E que na sexta-feira precisam dar adequado acabamento à edição de sábado e lançar os alicerces das de domingo e segunda.

Mal comparando, é como bater um escanteio, correr para a pequena área, cabecear a bola, e aí defendê-la com garra e pose bem na linha do gol.

Já notei que as sextas-feiras me põem além de tudo melancólico e especulativo. Nessas de que falo, contemplei as dezenas de pessoas que trabalham na Redação do Grupo Mirante e constatei que não saberia dizer o nome de várias delas sem ler no crachá.

Percebi que o silêncio de vozes era quase absoluto. As pessoas estavam fixadas em seus terminais de computador – operação que não raro tende a exilar um ser humano de sua própria humanidade.

Observei ainda que as dezenas de janelas estavam fechadas. Se eu perguntasse de repente a alguém como estava o dia lá fora, provavelmente minha única resposta seria uma calada, perplexa expressão de desconhecimento.

Não perguntei a ninguém. Mergulhei no meu terminal e fui informado em segundos do que se passava naquele preciso instante na Bolsa de Valores de Nova York, numa quadra de basquete em Sydney, no conclave que está acontecendo no Vaticano, na guerra no Oriente Médio, na luta entre Rússia e Ucrânia, nas taxações

### Fofocar é interagir

Vamos começar pelo principal conceito: fofoca não é mentira! Fofoca – pelo menos o que eu entendo como – é uma informação quase sem relevância sobre a vida alheia que é compartilhada por outras pessoas que, na maioria das vezes, nada tem a ver com o assunto.

É importante esclarecer também que nem toda fofoca é um boato. A maior parte das fofocas são fatos. Sendo assim, fofoca não deixa de ser informação.

Nessa semana li uma notícia de uma mulher colombiana que enriqueceu vendendo fofocas para os vizinhos. Fiquei animado! Quem sabe não está aí a grande chance de mudar de vida?

Brincadeira! Não tenho a menor pretensão de virar "fofoqueiro profissional", mas temos que ser honestos com aquilo que somos. Eu reconheço: gosto de uma boa fofoca. É uma maneira genuína de interação interpessoal, um jeito eficaz de construir amizades e de fortalecer laços. Quem fofoca tem, inclusive, uma vantagem evolutiva de acordo com uma pesquisa feita pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. O estudo revelou que quem fofoca costuma ter maior aptidão em interagir

### Para combater o bullying

O sucesso da série "Adolescência" reacendeu o debate sobre um tema urgente: o bullying e suas graves consequências.

Muitas orientações têm sido dirigidas às famílias; no entanto, combater o bullying é um dever coletivo e escola e sociedade precisam atuar juntas, reconhecendo essa prática como uma forma grave de violência.

Frequentemente mascarado de "brincadeira", o bullying provoca dor e humilhação e pode afetar profundamente o desenvolvimento emocional, social e escolar de crianças e adolescentes.

Essa violência, que pode facilmente passar despercebida por adultos, pode manifestar-se fisicamente ou por meio de violação de privacidade, como tomar objetos pessoais ou danificá-los. Pode ser emocional – com xingamentos, apelidos pejorativos, exclusão social – ou ainda digital – por meio do cyberbullying, que inclui perseguições, mensagens de ódio e cancelamentos nas redes.

Os impactos não são invisíveis: isolamento, tristeza, queda na autoestima, autolesão e até tentativas de suicídio. Por isso, é essencial que adultos estejam

de Donald Trump.

Foi quando me assaltou o pensamento com que abri estas poucas e maltraçadas: nada mais próximo e nada mais distante do mundo do que uma Redação de jornal.

Mas então sucedeu um pequeno milagre. Pulsava num canto da tela um sinal de mensagem, que prontamente acessei. Uma colega anunciava a quem interessar pudesse que de sua sala se avistava um poente magnífico. Já se vê que essa colega é pessoa de bom gosto, pois mantêm descerradas as janelas na hora do poente. E também caridosa, pois resolveu repartir com a Redação inteira aquele entardecer do nosso outono tropical.

Só que a Redação inteira provavelmente tinha coisas mais sérias do que tratar. Atendemos ao convite talvez uns 10, no máximo 20. E nos encantamos em unísono com aquele espetáculo magnífico que imergia em uns 600 mil matizes, que iam do rosa ao vermelho, todo o céu a oeste.

O ator principal era o disco incandescente do Sol, que flutuava por entre horizontes e nuvens até fecundar o ventre da Terra.

Há milênios, refleti, esse mesmo astro foi adorado por povos que ignoravam computadores, mas eram donos de algum senso de beleza ancestral. Há milênios, essa mesma estrela inspirava poetas pouco amigos de Redações, iletrados nos enigmas dos terminais, mas ainda assim capazes de compor versos imortais.

Há milênios, esse mesmo rubro luzeiro já inaugurava os dias e convocava as noites, regendo o sonho, a paz, o desejo, a semente lançada aos campos e a ronda das estações. E então voltei para meu terminal na Redação e havia nele umas estranhas, róseas cintilações de luz.

socialmente.

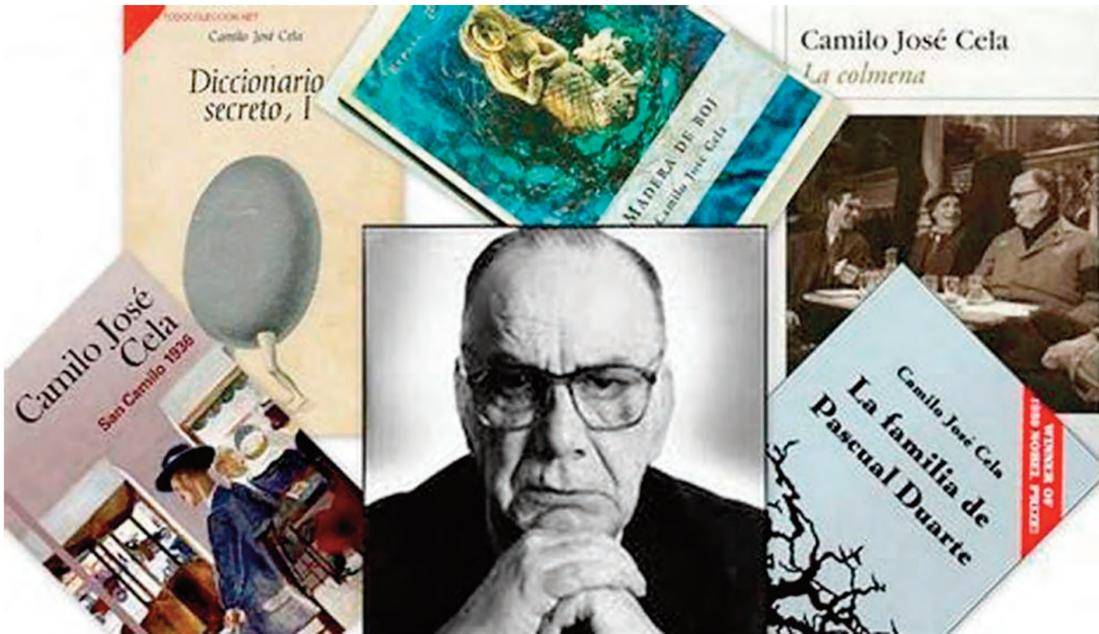
Vai dizer que o fofoqueiro do seu trabalho não é a pessoa mais procurada pra tomar aquele cafezinho no meio do expediente? Ele só é odiado pelos alvos das conversas, que mudam a todo instante. Isso a fofoca tem de interessante: embora as vezes cause uma tristeza em quem teve a vida comentada por terceiros, no fim das contas o tempo passa e as pessoas logo encontram outro assunto.

Uma boa fofoca não vai muito além de uma distração. E aqui, em minha defesa, gostaria de fazer um esclarecimento e criar algumas regras de boas fofocas. Acredito que a maneira como se fala da vida alheia exige cuidado. É preciso entender que uma fofoca não pode definir as nossas atitudes e nem condenar ninguém. Também temos que ter cuidado para não prejudicar as pessoas.

O grande objetivo de uma história da vida real compartilhada é passar tempo e criar conexão. Também é preciso cuidar com assuntos delicados. Precisamos criar um ambiente em que as fofocas não causem dor.

Afinal de contas, a melhor fofoca sempre termina com: "Afinal, quem somos nós pra julgar..."

# LITERATURA



Camilo José Cela (1916-2002), em Madrid emoldurado por alguns de seus livros

## ASSIM NASCIA UM GÊNIO: CAMILO JOSÉ CELA

Foi reeditada uma das obras maiores da literatura do século XX espanhol: *A Família de Pascual Duarte*. Um romance que deu origem ao “tremendismo” e que já anunciava o gênio do galego.

Conta-se que, um dia antes da cerimônia de entrega do Prêmio Nobel da Literatura, o escritor galego Camilo José Cela (1916-2002) – distinguido com aquele galardão em 1989 – passeava por Estocolmo com uma rosa a surgir-lhe da braguilha.

São inúmeras as histórias mais ou menos extravagantes deste (para muitos, genial) escritor espanhol que muito raramente sorria nas fotografias – para que, segundo o próprio, “quando eu morrer, não pensem que tive uma vida fácil”.

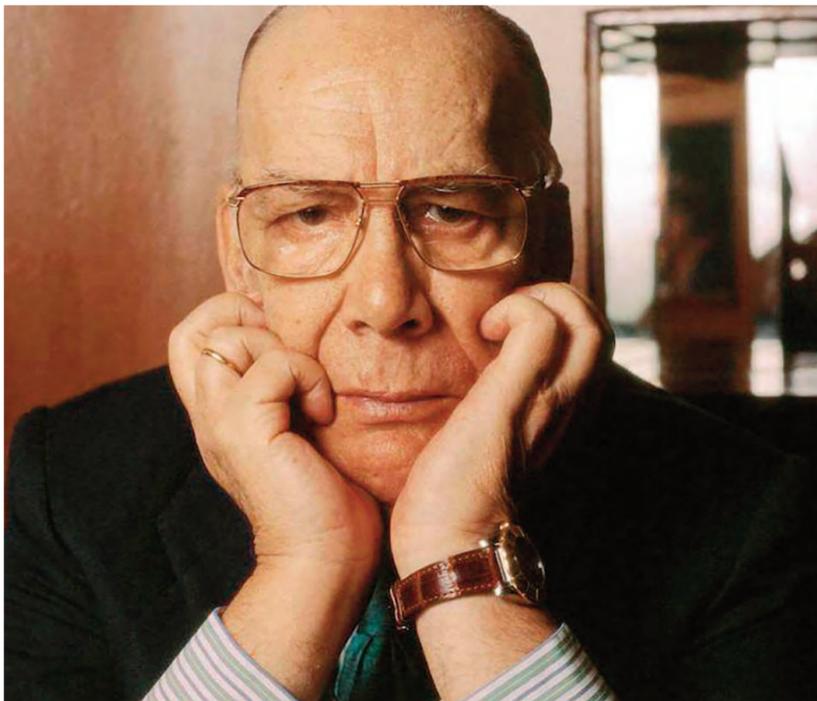
Uma outra história, ouvida da boca da escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís (que foi sua amiga e também deste Repórter PH), contava que um dia o visitou na sua casa, num lugar da Galiza, e que se fez acompanhar de uma amiga que tivera problemas de alcoolismo. Avisou do fato ao escritor galego e pediu-lhe que não servisse álcool. Horas depois, e quando entraram no carro de Camilo José Cela, Agustina se deu conta de que a amiga estava muito alcoolizada, ameaçando atirar-se para fora do carro em andamento. O escritor galego, que aos 36 anos de idade conseguira convencer um juiz a anular o seu casamento (quando o divórcio na Espanha não era legal) alegando inimizabilidade, convencera também a senhora a voltar a beber.

Em 1942, Camilo José Cela não era ainda este excêntrico vulto das letras espanholas. Foi nesse ano que publicou um dos melhores romances do século passado na língua castelhana, *A Família de Pascual Duarte*. Esse romance de estreia acaba de ser reeditado em português, depois de esgotado há décadas.

Com traços estéticos herdados de autores que o precederam (Valle-Inclán, Unamuno e Pio Baroja), Cela fez de *A Família de Pascual Duarte* uma espécie de ponto de encontro de estilos: é um espanhol, com o naturalismo do século XIX e com o romance social dos anos 30. Cortou com a corrente na época ainda em moda, o “costumbrismo” – um modo literário que privilegiava a abordagem pitoresca ao detalhe folclórico, aos maneirismos e aos costumes locais (assunto que, no entanto, Cela usaria mais tarde, mas de uma maneira muito singular, ao recriar os mitos, as tradições da Galiza, os hábitos agrícolas nos romances da chamada “trilogia galega” – na qual se inclui *Mazurca Para Dois Mortos*, reeditado em português no ano passado).

### “Erva ruim não tem fim”

Para alguns críticos e estudiosos espanhóis, *A Família de Pascual Duarte* é a origem do “tremendismo” (termo que Cela rejeitou no prefácio a um outro dos seus livros) – uma corrente que se caracteriza pela crueza na apresentação da trama, recorrendo bastantes vezes a situações violentas, a personagens pícaras



Camilo José Cela na sua casa em Palma de Maiorca

que deambulam entre lugares, gente inculta e marginal (são quase sempre criminosos, prostitutas, vagabundos), usando uma linguagem dura. As histórias centram-se no grotesco das situações, provocando perplexidade no leitor.

Publicado no mesmo ano da publicação de *O Estrangeiro*, de Albert Camus, ambos os romances apresentam, curiosamente, semelhanças entre si (sem que os autores se conhecessem): os dois personagens (o espanhol Pascual Duarte e o francês Meursault) são julgados e condenados à morte por terem cometido assassinatos; ambos mostram distanciamento emocional e indiferença e vivem numa espécie singular de afastamento da sociedade; as mães de ambos morrem; são narradores na primeira pessoa contando a sua versão dos crimes. Podemos encontrar também nos dois livros traços de absurdo e de algumas preocupações existenciais (apesar de Camus ter rejeitado a inscrição do seu romance na corrente existencialista).

O inesquecível parágrafo de abertura de *A Família de Pascual Duarte* dá o tom e o motivo do romance: “Eu, senhor, não sou mau, embora não me faltassem motivos para o ser. Iguais somos, todos os mortais, ao nascermos e, no entanto, conforme vamos crescendo, o destino se compraz em nos modificar como se fôssemos de cera e em nos destinar por caminhos, ao mesmo fim: a morte. Há homens a quem é ordenado seguirem pelo caminho das flores, e homens a quem lhe destinam o caminho dos cardos e das urtigas. Os primeiros gozam de um olhar sereno (...), os outros

sufrem o sol violento da planície e arreganham os dentes como os animais quando se defendem”.

Pascual Duarte tornou-se, desta maneira, no arquétipo do personagem “tremendista”, um homem socialmente inábil e que só conhece a violência como meio de solucionar os problemas. Diz ele: “sou de natureza violenta”; ou ainda: “já se sabe que Deus nunca quis que nenhum de nós [da família] se distinguisse pelas nossas boas inclinações”. De certa forma, o “tremendismo” pode ser visto como um tipo de crítica social. Um outro exemplo desta corrente é o curto romance *A Borgia* (2023, publicado originalmente em 1959), de Eduardo Blanco Amor, um dos renovadores da literatura em língua galega.

Possuidor de um impressionante vigor criativo, audácia e inovação (não apenas estilística, mas de complexidade narrativa e de estrutura formal), Camilo José Cela foi um escritor prolífico. A sua escrita, e não apenas neste romance maior da sua obra, fez-se quase sempre do recurso ao ridículo, muitas vezes também ao grotesco e ao sarcasmo, sempre com bastante humor, num realismo extremo e cru. Há nos seus narradores uma espécie de desprezo pelo mundo, pelos personagens. Afirma um deles em outro romance: “Acho que a única coisa que eu sei fazer bem é desprezar: deu-me muito trabalho a aprender, mas agora desprezo como Deus, quase que o posso jurar”.

Em *A Família de Pascual Duarte*, o protagonista conta partes da história da sua vida, agora que está preso e foi sentenciado à morte. O romance é uma espécie de longa missiva em que o condenado se

propõe narrar os seus crimes para que dessa maneira não prive alguém de aprender o que ele não aprendeu “senão quando já era tarde de mais”. Confessa ainda que não conta tudo, porque houve coisas que “ao tentar contá-las, me fizeram sentir grandes safanões na alma”. A narrativa tem uma inesquecível dedicatória: “Aos meus inimigos, que tanto me ajudaram na minha carreira”.

Pascual Duarte começa por dizer que é filho de pai português (depois se verá a maneira atroz como morreu), que nasceu há pelo menos 55 anos, numa vila perdida na província de Badajoz. E o faz com uma linguagem que evoca a fala campesina e que, muitas vezes, recorre a comparações com a natureza, também frequentemente ao uso de locuções proverbiais, jargões (“erva ruim não tem fim”), e a frases breves, quando não encontra palavras para expressar o que sente e o que lhe aconteceu.

Depois, naquele lugar da Estremadura rural, as desgraças começaram a acontecer no seu caminho: a morte do pai, um irmão que morreu afogado numa talha de azeite, uma irmã maltratada por um homem, outro que engravidou de uma mulher... Episódios a que reage sempre com violência, pois, como confessa, “é muita a minha fraqueza para resistir ao instinto”.

Mais tarde, antes de cometer o crime “maior”, dá-nos outras frases inesquecíveis: “Mata-se sem pensar, disse tenho eu a prova; e, às vezes, sem querer. Odeia-se, odeia-se profundamente, ferozmente, e abre-se a navalha e com ela bem aberta, descalço, chega-se junto à cama onde dorme o inimigo. (...) Sobre a cama está deitado o morto, o que há-de vir a ser morto.”

## BENJAMIN NA INTERMODAL



Benjamin Franklin Alves na Intermodal com o presidente da Termaco, Sr Bertrand Boris

O executivo empresarial Benjamin Franklin Alves, diretor da Termaco em São Luís, participou em São Paulo, de 22 a 24 de abril, da Intermodal South América, evento de logística mais visitado na América do Sul e líder em apresentação de inovações, tecnologias, produtos e serviços para os setores de logística, intralógica, tecnologia, transporte de cargas e comércio exterior.

A Intermodal South America

atrai os principais tomadores de decisão, líderes empresariais, formadores de tendências, gestores de políticas públicas, e compradores em um único ambiente.

A Termaco Logística, que tem forte atuação no setor marítimo, especialmente no porto de Pecem, no Ceará, participou do evento com as empresas do Grupo.

O Presidente da Termaco, Sr Bertrand Boris, também participou do evento.

## FERNANDA MONTENEGRO NA NETFLIX

Inicialmente previsto para estreiar na Netflix em 22 de março, *A Vida Invisível* (2019) demorou mais um mês para aparecer no menu da plataforma. Está disponível desde terça-feira (22), dentro de uma leva de filmes brasileiros que inclui *Saneamento Básico*, o Filme (2007), de Jorge Furtado.

*A Vida Invisível* é um dos raros filmes que renderam prêmios a Fernanda Montenegro, atriz vista recentemente em dois títulos baseados em histórias reais: o oscarizado *Ainda Estou Aqui* (2024) e *Vitória* (2025).

Por *A Vida Invisível*, Montenegro recebeu da Academia Brasileira de Cinema o Grande Otelo de melhor atriz coadjuvante. A lista de atuações cinematográficas premiadas inclui *A Falecida* (1965), que

rendeu o Candango de melhor atriz no Festival de Brasília; Central do Brasil (1998), pelo qual conquistou o Urso de Prata no Festival de Berlim e concorreu ao Oscar e ao Globo de Ouro; e *O Outro Lado da Rua* (2004), pelo qual ganhou o Grande Otelo e o troféu do Festival de Recife de melhor atriz.

*A Vida Invisível* é um filme que nos pega tanto pela emoção desbragada quanto pelas sutilezas. Há um diálogo na trama que parece corriqueiro, conversa de corredor entre duas vizinhas de um cortiço no Rio de Janeiro, e a cena não dura mais tempo do que as personagens precisam para dizer suas falas. Mas aquelas três palavrinhas pesam profundamente, ficam reverberando na cabeça do espectador.



Fernanda Montenegro no filme dirigido por um dos cineastas brasileiros mais prestigiados no exterior, o cearense Karim Aïmouz. Com *A Vida Invisível*, ele ganhou a mostra Um Certo Olhar do Festival de Cannes, onde competiu outras quatro vezes

## FERNANDA MONTENEGRO NA NETFLIX...2

Recém-chegada do hospital, onde dera à luz, uma mulher é questionada por outra, que quer saber se o bebê é menino ou menina. Diante da resposta, quem perguntou comenta:

– Sorte a dele.

Sorte a dele. Por consequência, azar o delas. Nessa brevíssima passagem de *A Vida Invisível*, Karim Aïmouz sintetiza a história que conta e o seu contexto social, a ficção e a realidade.

Nascer mulher é correr riscos. Seja no Brasil dos anos 1950, época em que se passa a maior parte do filme, seja no país de hoje, onde, em 2024, a cada 17 horas uma mulher foi vítima de feminicídio em um dos nove Estados monitorados no estudo *Elas Vivem*, da Rede de Observatórios de Segurança (Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo).

Onde 37,5% das mulheres – 27 milhões de pessoas – sofreram violência física, sexual

ou psicológica cometida por um parceiro íntimo em 2024, segundo a quinta edição da pesquisa *Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil*, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Instituto Datafolha.

As brasileiras são agredidas, são desrespeitadas, são silenciadas. Mais de 60 anos atrás, as protagonistas de *A Vida Invisível* já enfrentavam os mesmos problemas.

Aïmouz lança nos minutos finais de *A Vida Invisível* uma carta decisiva para arrebatar corações: a participação especial de Fernanda Montenegro, em um papel que faz ponte entre Central do Brasil e *Ainda Estou Aqui*. Como no filme sobre Eunice Paiva, ela mal precisa das palavras para nos comover – vide seu silêncio carregado de emoção em uma cena epifânica, capaz de fazer uma sala de cinema inteira desabar no choro, como eu presenciei em 2019. Sorte a nossa termos uma atriz assim.



O Papa Francisco sendo velado no Vaticano

# FIM DO PONTIFICADO DE FRANCISCO

Chegou ao fim, com a morte de Francisco, aos 88 anos, o pontificado do primeiro latino-americano a comandar a Igreja Católica.

De acordo com a certidão médica que atestou a morte do 266º papa da história, o líder religioso Francisco sofreu um AVC, entrou em coma e teve um colapso cardiocirculatório irreversível às 7h35min da última segunda-feira, pelo horário de Roma (2h35min em Brasília).

O argentino Jorge Mario Bergoglio havia sido internado em fevereiro em decorrência de uma bronquite. Depois de 37 dias hospitalizado, recebeu alta e se recuperava no Vaticano. No domingo, Francisco fez sua última aparição pública, dando a bênção Urbi et Orbi a fiéis que acompanhavam as celebrações da Páscoa na Basílica de São Pedro.

A morte do argentino encerra um pontificado de 12 anos, marcado pela popularidade do sacerdote entre os fiéis, mas também pela resistência dentro de setores da própria Igreja a seus projetos de reformas.

Assim que foi eleito, em 13 de março de 2013, Francisco mostrou seu desejo de ruptura ao aparecer na varanda da Basílica de São Pedro sem nenhum ornamento litúrgico. O jesuíta sorridente e de linguajar franco representava um contraste com o tímido Bento XVI, que havia renunciado em 11 de fevereiro daquele ano.

Provavelmente, naquele ponto, o novo papa já tinha em mente algumas das principais propostas para a Igreja Católica: a reforma da Cúria (o governo da Santa Sé), corroída pela inércia, e a correção nas finanças do Vaticano.

O ex-arcebispo de Buenos Aires, que nunca fez carreira nos corredores de Roma, queria também "pastores com cheiro de ovelha" para devolver o dinamismo a uma instituição cada vez menos presente e superada em muitas regiões pela vitalidade dos cultos evangélicos.

Desde então, as pregações deste crítico do neoliberalismo destacaram reivindicações por maior justiça social, proteção da natureza e defesa dos migrantes que fogem das guerras e da miséria.

A Igreja agora questiona quem será o sucessor de Francisco, que, apesar da idade avançada e do estado de saúde frágil, comandou mais de 1 bilhão e 300 mil católicos na última década.

## A vida de Bergoglio

Nascido em Buenos Aires em 17 de dezembro de 1936, Jorge Mário Bergoglio é filho de um italiano que emigrou de Turim, na Itália, para a Argentina, onde teve cinco filhos. Formou-se técnico químico, mas em 1958 entrou para a Companhia de Jesus e iniciou a preparação para o sacerdócio.

De 1964 a 1965, ensinou Literatura e Psicologia no Colégio da Imaculada de Santa Fé e, em 1966, lecionou as mesmas matérias no Colégio do Salvador, em Buenos Aires. De 1967 a 1970, estudou e se formou em Teologia. Em 13 de dezembro de 1969, foi ordenado sacerdote.

Desde o início, já era visto como um religioso em ascensão. De 1973 a 1979, serviu como o provincial dos jesuítas na Argentina. Em seguida, em 1980, tornou-se o reitor do seminário no qual tinha se formado.

Bergoglio foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires em 1992 e depois sucedeu o cardeal Antonio Quarracino, em 1998. Em 2001, foi nomeado cardeal por João Paulo II, que o designou à igreja romana que leva o nome do lendário jesuíta São Roberto Belarmino.

Em 13 de março de 2013, foi eleito o 266º Papa. Escolheu o nome de Francisco, em referência a Francisco de Assis, santo padroeiro dos pobres.

Bergoglio levou novos ares a Roma: optou por viver em um apartamento sóbrio, rejeitando o suntuoso Palácio Apostólico, e frequentemente convidava à mesa moradores em situação de rua ou presidiários. Um estilo que também rendeu críticas de setores que viam nele uma dessacralização das funções papais.

## Periferias

Enquanto papa, Bergoglio manteve a atuação, apesar dos mais de 80 anos e do estado de saúde frágil, que o obrigaram a usar uma cadeira de rodas a partir de 2022. Em meio às dificuldades de saúde, seguiu privilegiando missões nas periferias do leste da Europa e na África, com mais de 40 viagens ao Exterior. No Brasil, esteve em 2013.

Durante seu pontificado, Francisco também chegou a um acordo inédito com o regime comunista chinês, em 2018, sobre a espinhosa questão da nomeação de bispos na China. A diplomacia da Santa Sé também colaborou para a histórica aproximação entre Cuba e os Estados Unidos em 2014.

## Igreja inclusiva e diálogo estão entre os legados

Primeiro papa latino-americano em quase 2 mil anos de história, o argentino Jorge Bergoglio deixa como legado uma igreja de perfil menos conservador, mais inclusiva e ecumênica em comparação a seus antecessores.

Sob o nome Francisco, que simbolizou a busca por simplicidade e paz em referência a São Francisco de Assis, procurou abrir as portas dos templos a populações marginalizadas como gays, pobres e migrantes, e fortalecer canais de diálogo com outras confissões religiosas.

Durante os 12 anos em que usou o anel de São Pedro, realizou um número recorde de canonizações e nomeou 80% dos atuais cardeais com direito a voto no conclave que vai eleger seu sucessor.

Na avaliação dos estudiosos do catolicismo, a ação de Bergoglio como líder dos católicos representa inflexão histórica no catolicismo mundial. Seu papado significou enorme lufada de ar fresco na Igreja, porque veio depois de dois papados conservadores: de João Paulo II, de 1978 a 2005, e de Bento XVI, de 2005 a 2013.

Foram 35 anos de uma virada conservadora muito forte e que tem efeitos até hoje em termos de nomeações de bispos no mundo inteiro, em oposição ao avanço que vinha ocorrendo desde o Concílio Vaticano II.

Francisco representa o retorno da influência do papel progressista do Concílio Vaticano II –

analisam os especialistas, fazendo referência ao evento que procurou modernizar a Igreja nos anos 1960. Para esses, a preocupação de Francisco em acolher e valorizar os menos favorecidos diante dos altares é um reflexo direto de sua vivência como latino-americano.

É verdade que o Papa Francisco se esforçou para moldar um catolicismo menos autoritário, mais simples e misericordioso. Ele procurou representar isso ao dizer que a igreja não deveria ser uma alfândega, que procura selecionar ou punir, mas um "hospital de campanha". Ele queria dizer que a função da igreja é receber as pessoas na situação em que estiverem, sem olhar para cor, identificação religiosa ou ideológica, mas acolher, acompanhar e cuidar até que estejam em condição de viver a sua experiência de fé.

## Recorde de canonizações

Nenhum outro papa promoveu número tão grande de canonizações quanto Francisco. Conforme levantamento recente, o argentino reconheceu 924 novos santos até fevereiro. Em segundo lugar no ranking, João Paulo II aparece com 482 nomes contemplados. Isso também reflete a visão social de Jorge Bergoglio.

A partir da Idade Média, a canonização ficou uma coisa tão extraordinária e elitista que muito raramente alguém poderia ser canonizado. Já o papa Francisco entendia que a santidade está muito mais presente na vida das pessoas.

Uma canonização coletiva contemplou de uma vez só, em 2013, 813 italianos cristãos assassinados durante o cerco promovido por otomanos à cidade de Otranto em 1480. Em abril, seria considerado santo o também italiano Carlo Acutis, morto por leucemia com apenas 15 anos em 2006. Conhecido como "padroeiro da internet", por sua presença nas redes sociais, Acutis é um exemplo de como o papado procurou mudar o perfil das canonizações para se aproximar dos fiéis – inclusive dos mais jovens. A canonização de Acutis foi suspensa esta semana.

## Apelo por cessar-fogo na Faixa de Gaza

Em sua última aparição pública, o papa Francisco surgiu na sacada da Basílica de São Pedro, no Vaticano, na manhã do domingo de Páscoa, para dar a sua derradeira bênção "Urbi et Orbi" (à cidade de Roma e ao mundo).

O Pontífice desejou uma Feliz Páscoa aos milhares de fiéis que estavam em frente à basílica. Na mensagem de Páscoa, lida por um de seus colaboradores, Francisco ainda pediu um cessar-fogo na Faixa de Gaza, em um discurso no qual expressou preocupação com "o crescente clima de antissemitismo que está se espalhando pelo mundo".

– Faça um apelo às partes em conflito: cessem o fogo, libertem os reféns e prestem ajuda às pessoas que estão famintas e anseiam por um futuro de paz – declarou.

Após o discurso, o Papa ainda fez passeio surpresa pela Praça de São Pedro, em seu

"papamóvel", para cumprimentar os fiéis. Ele circulou pela praça por alguns minutos e abençoou alguns bebês, escoltado por vários guarda-costas.

Para muitos católicos, sua aparição no domingo de Páscoa, poucas horas antes de sua morte, foi o símbolo do reencontro com seu guia espiritual, um mês depois da alta hospitalar. Nas últimas semanas, Francisco havia retomado gradualmente suas atividades e sua saúde parecia estar melhorando.

– Temos a impressão de que ele queria ir até o fim, fez gestos essenciais, como o contato com as pessoas. Ele era o Papa do povo – disse uma fonte do Vaticano.

## Funeral simplificado

O velório de um Papa sempre se torna um evento, até pelo tempo que dura (nove dias). Mas Francisco buscou no ano passado simplificar esses ritos. O Papa será enterrado em um caixão simples de madeira e fora do Vaticano, pela primeira vez em mais de um século.

Francisco renunciou a uma prática secular, segundo a qual o chefe da Igreja é enterrado em três caixões interligados feitos de cipreste, chumbo e carvalho. Em vez disso, Jorge Bergoglio será enterrado em um único caixão de madeira revestido de zinco.

O uso de uma plataforma elevada na Basílica de São Pedro para o velório, como foi feito com os pontífices anteriores, também foi abolido. Os fiéis serão convidados a prestar as suas homenagens enquanto o corpo de Francisco ficará dentro do caixão, com a tampa aberta.

Ele optou pelo enterro na Basílica de Santa Maria Maggiore, em Roma, em vez da Basílica de São Pedro, que abriga mais de 90 papas. A escolha foi por se tratar da igreja que Francisco tradicionalmente frequentava para fazer as suas orações em Roma. Antes dele, Leão XIII, em 1903, havia optado pelo enterro na igreja de São João de Latrão.

As instruções estão no Ordo Exsequiarum Romani Pontificis, aprovado em 29 de abril de 2024 pelo próprio papa Francisco, que recebeu o primeiro exemplar em 4 de novembro.

## O camerlengo

Na ausência do Papa, a responsabilidade pela administração temporária da Igreja Católica e do Vaticano é do camerlengo, cargo que, atualmente, é ocupado pelo cardeal irlandês Kevin Joseph Farrell, 77 anos, nomeado por Francisco em 14 de fevereiro de 2019.

Além de atuar durante a ausência do Papa, o camerlengo tem outras atribuições essenciais dentro da Igreja, como organizar o funeral do Pontífice e conduzir o conclave para a escolha do sucessor.

A palavra camerlengo vem do latim medieval camarlingus, que, em tradução livre, significa "funcionário da câmara do soberano".

Uma de suas funções, inclusive, é anunciar a morte do Papa. Foi Farrell quem compartilhou ao público o falecimento do religioso argentino.

Fotos/Divulgação



Bergoglio com a família: a mãe Regina Maria e o pai Mario Giuseppe, as duas irmãs e os dois irmãos



Os pais de Jorge Bergoglio numa fotografia de casamento

## HOMENAGENS NA TERRA NATAL DO PAPA

A notícia pegou a cidade natal do Pontífice, Buenos Aires, na Argentina, de surpresa. Buenos Aires acordou mais cinzenta na manhã dessa segunda-feira. Foi uma surpresa porque a cidade acompanhava o pronunciamento do Papa no domingo de Páscoa e se via circulando por aqui comentários nas ruas, nos jornais, de que o Papa teria superado mais uma batalha – destacam os jornalistas, direto da capital da Argentina.

Os argentinos estão concentrando homenagens em frente à Catedral Metropolitana de Buenos Aires, junto à Praça de Maio.

Uma missa de despedida, conduzida pelo arcebispo Jorge García Cuerva, foi realizada. Uma vela foi acesa em frente ao espaço religioso por um fiel por volta das 7h da manhã, logo após a notícia do falecimento. No local, destaca-se também a presença de muitos fiéis jovens e lembranças relacionadas ao clube de futebol San Lorenzo, do qual Francisco era torcedor fanático.

Em um país bastante dividido, apesar das divergências com o governo argentino, o Papa ainda era um ponto de diálogo e um ponto de contato. Apesar das divergências políticas, o presidente Javier Milei reconheceu a importância do Pontífice e decretou luto de sete dias no país.

Os argentinos lamentaram a morte de seu compatriota e líder espiritual. Javier Languenari, 53 anos, estava varrendo folhas em frente à Catedral de Buenos Aires, que ainda estava fechada após a notícia da morte do Papa argentino.

– Ele estava com a saúde muito debilitada. Aguentou o máximo que pôde. É incrivelmente triste. Como argentinos, somos mais órfãos. Mas, como católicos, sabemos que Jesus Cristo sempre estará lá – disse Javier.

### Futuro da Igreja

Chance de outro sul-americano assumir o comando da Santa Sé é considerada pequena até o momento. Também há possibilidade de um africano ou um asiático ser escolhido. Mas sempre é lembrado um antigo ditado italiano que diz que, “quem entra Papa (no conclave), sai cardeal”.

Pela lei da Igreja, qualquer homem batizado pode ser escolhido Papa. Por uma tradição de séculos, o líder dos católicos é eleito entre um restrito colégio de cardeais que, hoje, soma 252 nomes. Os europeus figuram com a maior quantidade de representantes entre os “papáveis” para suceder Francisco, que morreu segunda-feira.

Do recorte de 252 possíveis pontífices, a exemplo de conclaves anteriores, desponta uma seleção ainda mais curta de favoritos, de acordo com fontes de dentro do Vaticano e jornalistas especializados na cobertura dos bastidores da Santa Sé.

O site especializado College of Cardinals Report (formado por jornalistas e pesquisadores de vários países) contabiliza lista de 22 nomes de candidatos com mais força para se converterem no sucessor do argentino Jorge Bergoglio. Desse contingente, 54% são europeus, 18% são asiáticos, 14% africanos, e há apenas dois concorrentes da América do Norte e um da América do Sul – o uruguaio Daniel Fernando Sturla.

É preciso cautela ao apontar quem tem mais chances de ser eleito. Um antigo ditado italiano diz que, “quem entra Papa (no conclave), sai cardeal”. Um dos nomes mais comentados entre vaticanistas e favoritos em casas de apostas – e, portanto, sujeito a confirmar o velho preceito – é o de Pietro Parolin.

Secretário de Estado do Vaticano desde 2013, o italiano de 70 anos tinha a confiança de Francisco e desempenhou papel de destaque em ações importantes como a reaproximação entre a China e o Vaticano. É considerado de perfil moderado, o que conta pontos a seu favor no contexto atual da Igreja Católica.

Também há representantes da África e da Ásia com chance de assumir a função, como Fredolin Besungu, da República Democrática do Congo, ou Luis Tagle, das Filipinas, cujo apelido é “Francisco da Ásia” em razão da afinidade com o último Pontífice.

### Busca de estabilidade

O padre e teólogo Erico Hammes, acredita que o próximo conclave deverá dar preferência a um cardeal que traga mais estabilidade à Santa Sé depois do papado considerado reformador de Francisco – o que despertou a insatisfação de setores mais conservadores mundo afora.

– Deve haver alguma influência (do legado de Francisco), mas também haverá aspectos históricos que terão o papel de contrabalançar algumas coisas, que deixariam a Igreja mais estável. Não vejo um colégio de cardeais que escolheria alguém, nesse momento, em linha de continuidade da coragem e da presença que teve Jorge Bergoglio – opina Hammes.

Há os que dizem que o papa Francisco representou a aproximação da Igreja Católica com o povo na sua simplicidade.

Aquela alegria de viver, aquela humildade, aquela simplicidade de querer sempre estar com o povo. Nunca se isolou, nem no hospital e nem agora, na enfermidade. Acho que é isso que ele pegou do evangelho: foi como Jesus andando nos caminhos do povo.

### Escolha do nome

A escolha de “Francisco” como nome do então novo Pontífice teve a influência de um “hermano” brasileiro: o cardeal Cláudio Hummes, bispo de São Paulo na época.

Em março de 2013, logo após ser eleito, o Papa fez uma audiência no Vaticano com cerca de 6 mil jornalistas e revelou que uma frase de Hummes o levou a escolher o nome Francisco.

– Ele me abraçou, me beijou e disse: “Não se esqueça dos pobres”. Aquilo entrou na minha cabeça. Imediatamente lembrei de São Francisco de Assis – contou o Papa.

Hummes faleceu em 2022.

Além de propagar a palavra de Deus, o papa Francisco surpreendeu o mundo ao longo de seu pontificado com revelações que mostraram sua faceta

mais humana.

Uma das mais curiosas é seu amor pelo Club Atlético San Lorenzo de Almagro, uma das principais equipes de futebol de Buenos Aires. O vínculo do Papa com o San Lorenzo era tão antigo quanto afetuosos. A paixão pelo clube nasceu em 1946, quando, aos nove anos, começou a frequentar o Gasometro e ficou fascinado pela equipe que venceu o Campeonato Argentino.

Herdou a paixão esportiva do pai, Mario, que jogava basquete pelo clube. Desde então, a fidelidade de Bergoglio ao clube nunca foi quebrada.

### Uma faceta mais humana

Ao longo dos anos, contudo, o Papa demonstrou que seu vínculo com o Ciclón é muito mais do que um simples fanatismo. Sua liderança religiosa também deu muita sorte ao clube.

Primeiro no título argentino de 2013, que levou o clube à Libertadores no ano seguinte. Torneio este também conquistado pelo clube de Boedo. E pela primeira vez na história 2014, o que ficou chamado de “Efeito Francisco”.

Até 2014, apenas o San Lorenzo entre os cinco grandes da Argentina não havia conquistado a principal taça continental.

Na época, afirmaram que ele não assistiu à decisão contra o Nacional, no Paraguai, porém foi dormir tranquilo e feliz após saber do resultado.

– O amor por San Lorenzo faz parte da minha vida, da minha história – disse Francisco.

### O diálogo inter-religioso

Desde que assumiu o trono de São Pedro, Francisco fez uma pequena revolução na Igreja Católica. Começou por simplificar as vestes, se aproximar dos rejeitados e reconhecer o direito dos gays de frequentarem a igreja. Morando na Casa Santa Marta, fazia as refeições no mesmo refeitório dos outros hóspedes e encantava quem dele conseguia se aproximar.

Nas mensagens dominicais, o papa Francisco sempre fez apelos pela paz, condenou guerras, massacres e desrespeitos aos direitos humanos. Ganhou o carimbo de comunista por pregar igualdade, respeito e o combate à violência. Mesmo com a saúde

frágil, correu o mundo pregando o diálogo inter-religioso.

Seu perfil guarda mais semelhança com o de João Paulo II do que com o de Bento XVI.

O papado de Francisco também foi marcado pela preocupação com as mudanças climáticas e o ambiente. Foram frequentes seus apelos por cuidado com a “casa comum” e por medidas concretas para a preservação da natureza.

### O Papa que defendeu a economia de Deus

A atuação social do papa Francisco ao olhar mais para os pobres trazia junto frequentes posicionamentos econômicos, inclusive na mensagem que escreveu para ser lida na última Via Sacra, tradicional rito da Sexta-feira Santa em Roma.

Na véspera de sua morte, aos 88 anos, convidou as pessoas a questionarem os padrões, compreendendo o que chamou de “economia de Deus”, que não mata, descarta ou esmaga. Pontuou que ela é muito diferente das economias atuais “de cálculos e algoritmos, de lógicas frias e interesses implacáveis”. É um discurso conectado ao contexto econômico de avanço tecnológico em um cenário de guerras armadas e comerciais, no Oriente e no Ocidente.

Sua defesa do meio ambiente aparece junto ao discurso econômico, não por coincidência, pois ambos têm uma ligação intrínseca. A mensagem de Francisco diz que a economia de Deus é fiel à terra, “não destrói, mas cultiva, repara, protege”.

### O legado transformador

Os 12 anos de pontificado do papa Francisco, encerrados com a sua morte, nesta segunda-feira, entram para a História pelo legado transformador na Igreja Católica.

Mas a renovação que promoveu, em mensagens e atos, nada teve de transgressora em relação aos principais ensinamentos de Jesus, como a compaixão e o amor ao próximo.

Pelo contrário. O argentino Jorge Mario Bergoglio teve a generosidade, a simplicidade e a defesa das populações vulneráveis como princípios norteadores de seu papado.

O primeiro papa latino-americano e jesuíta será lembrado pela dedicação aos desvalidos, imigrantes e refugiados.

A escolha por adotar o nome Francisco, inspirado no santo que renunciou ao conforto material para viver em meio aos pobres, foi coerente com a trajetória do homem de hábitos simples desde os tempos de sacerdotado em sua terra natal e renunciou como atuaria à frente da Igreja.

### A busca por conectar a Igreja aos novos tempos

O papa Francisco deixa a marca da busca por conectar a instituição milenar e de avanços lentos aos temas mais candentes da atualidade. As mudanças climáticas e suas consequências foram uma preocupação constante. Em 2015, publicou uma encíclica sobre meio ambiente, com propostas para mudanças de atitude que pudessem garantir o futuro da humanidade e do planeta, a casa comum.

Outro tema sempre presente nos pronunciamentos de Francisco era a pregação da paz. Em um período de recrudescimento de conflitos em várias regiões do mundo, era uma voz constante nos apelos por esforços pelo fim das guerras e na condenação do uso da força e das armas. À crescente intolerância entre seguidores de diferentes crenças respondia com a promoção do diálogo inter-religioso.

Bergoglio ficará na memória ainda pelos desafios que encontrou e enfrentou na própria Igreja Católica. Os casos de pedofilia cometidos por padres deixaram de ser um tabu mantido sob um véu de silêncio. O Papa determinou tolerância zero com casos do gênero e eliminou o segredo pontifício – usado em episódios considerados graves – em situações de violência e abuso sexual perpetrados por representantes da Igreja.

Com a mesma determinação, encarou os escândalos financeiros que envolveram o banco do Vaticano. Vencendo resistências em um ritmo possível em uma instituição naturalmente apegada a liturgias e tradições, caminhou para frente ao preconizar o acolhimento à comunidade LGBTQIA+. Reconheceu o papel feminino e passou a dar protagonismo às mulheres em posições hierárquicas mais altas no Vaticano.

Com sensibilidade, conseguiu unir fé, religiosidade e espiritualidade aos dilemas contemporâneos, guiando os passos dos cerca de 1,4 bilhão de seguidores do catolicismo.

### O piadista Francisco

Como homem do povo, o Papa, com bom humor característico, era um talentoso piadista. São peculiaridades que o tornavam ainda mais popular e carismático e o aproximavam da realidade das ruas, onde estava o seu rebanho, as pessoas mais simples, a quem servia. A inspiração que Francisco deixa transcende os muros dos credos por ter a bondade e a humanidade como bases.

Francisco não se isolou para morrer na solidão do luxo. Ele se desfez da mortalidade perto de seus fiéis, concedendo a tradicional bênção Urbi et Orbi. Inclusive realizou um passeio surpresa pela praça no papamóvel, acenando com extremo esforço, num gesto que emocionou a multidão.

O papa Francisco foi um pontífice de muitos primeiros – não apenas simbólicos, mas também estruturais. Ele quebrou protocolos, rompeu as amarras da tradição e abriu novos caminhos para a Igreja Católica.

O primeiro em nossos corações.



O Papa numa audiência com famílias no Vaticano, em 2013

# O PAPA FAVORITO DO POVO

Arquivo

Nunca como com Francisco o mundo – católico e não católico – rejubilara tanto com a escolha de um Papa. Eleito 266.º Sumo Pontífice em 2013, Jorge Mario Bergoglio criou um tsunami de entusiasmo de dimensões inéditas quando, naquele início de noite chuvoso de 13 de Março de 2013, assomou à varanda da Basílica de S. Pedro, no Vaticano, apenas com a sua batina branca e se apresentou: “Irmãos e irmãs, boa noite.”

Depois desse momento, a Igreja Católica começou a mudar a um ritmo por vezes vertiginoso. A postura ascética e o estilo de vida rigoroso e quase ostensivamente humilde do primeiro Papa latino-americano da história da Igreja Católica prenunciavam grandes mudanças. Ele possuía o dom de falar de modo simples, directo, por vezes provocatório, e tinha, como escreveu na altura o insuspeito Financial Times, “uma sinceridade e uma autenticidade que nenhum líder mundial consegue igualar”.

Nos anos seguintes, Francisco nunca parou de desinstalar uma Igreja que sempre preferiu descentralizada, desassossegada, desclericalizada, de portas abertas. Não houve, durante o seu pontificado, nenhuma revolução doutrinal acerca da velhíssima recusa da Igreja em reconhecer a legitimidade de as pessoas terem sexo fora do casamento e de usarem contracepção, mas o argentino soube, paulatinamente e fintando o omnipresente risco de provocar uma cisão dentro da Igreja, beliscar o conservadorismo de séculos e levar para cima da mesa oficial discussões até então tidas como impossíveis.

## A maior organização global do mundo

Muito para lá da célebre tirada “Quem sou eu para julgar?” que usou quando se referiu aos homossexuais, e que bastou para despertar em muitos o sonho de que uma outra Igreja era possível, recusou sempre ostracizar os casais “irregulares”, os que tinham abortado; os interditados, enfim, pelos responsáveis hierárquicos daquela que é, com os seus mais de um bilhão de fiéis, a maior organização global do mundo. Afinal, como Francisco foi repetindo ao longo dos anos, não compete aos padres o papel de “fiscais da fé”.

Para os católicos progressistas, que constituíram a sua grande base de apoio, Francisco ficou aquém das sugestões iniciais de que as portas da Igreja se abrissem, finalmente, às mulheres e à ordenação de homens casados para responder à falta de padres em regiões como a Amazónia.

## Uma bússola moral

Mas é inegável que conseguiu, com o passar dos anos, através da sua insistência no processo sinodal, que a pressão para mudar, para sintonizar a Igreja com o seu tempo, começasse a emergir a partir das periferias e das bases, fosse no respeitante ao fim do celibato obrigatório ou à possibilidade de restauração do diaconato feminino.

Este processo, baseado numa consulta aos católicos de todo o mundo, de baixo para cima e numa escala sem precedentes, mimetizou em vários dos seus aspectos o impulso reformista de João XXIII, promotor do Concílio do Vaticano II (1962-65), no fim do qual a Igreja renunciou ao antissemitismo, abraçou a democracia, proclamou direitos humanos universais e aboliu quase totalmente a missa em latim. Ainda dentro de portas, defensor de uma “Igreja pobre e para os pobres”, dedicou muita da sua energia a desfazer rudes golpes na esclerosada corte pontifícia: reformou o banco do Vaticano, aumentou a transparência das contas, combateu jogos palacianos de poder.

Mas a sua acção foi muito além das mudanças internas. Durante o seu pontificado, Francisco tirou a religião da sacristia e pôs os pés em lugar onde nenhum Papa fora antes – como o Iraque ou o Sul do Sudão – e colocou a Igreja no centro dos grandes debates – do capitalismo feroz à crise climática e ambiental, passando pelos migrantes e refugiados e pelos nacionalismos exacerbados. Alguns dos seus pronunciamentos, nomeadamente por via das encíclicas e das exortações apostólicas, valeram-lhe os epítetos de “anticapitalista” e “ambientalista radical”, mas nem os piores detratores negam que foi capaz de restituir à Igreja o seu papel de bússola moral num mundo em desestabilizadora mudança.

## O “kingmaker” argentino

Jorge Mario Bergoglio nasceu em Buenos Aires, na Argentina, às 21h00 no dia 17 de Dezembro de 1936, numa família de imigrantes italianos de Piemonte, que, como Francisco escreveu na sua recente autobiografia, “subiu na vida a pão, amor e nada”. O pai, Mario Giuseppe Bergoglio Vasallo, trabalhava como contabilista – nos caminhos-de-ferro, mas também numa tinturaria industrial de meias, entre outras empresas. A mãe, Regina Maria Sivori, filha de um marceneiro, “pequena, com grandes olhos escuros e uma elegância que parecia inata”, foi dona de casa e a principal instigadora do gosto pela ópera que chegou a levar Jorge Mario, o mais velho dos seus cinco filhos, a querer ser maestro (primeiro quisera ser talhante, por causa das incursões ao mercado que costumava fazer com a avó Rosa).

Os avós paternos tinham-se instalado em Flores, um bairro da capital argentina, sobretudo habitado por imigrantes italianos e espanhóis, mas onde se misturavam também judeus e muçulmanos, e em cuja praticava Jorge Mario esfolava os joelhos em criança a jogar com uma bola de trapos. “Atrás de cada bola que rola há sempre um rapaz com os seus sonhos”, recordaria, asseverando que nunca se importou de não ser grande coisa no jogo e lamentando que o voto de deixar de ver televisão, que assumiu em 1990, o tenha impedido de ir acompanhando os jogos do seu clube, o San Lorenzo.

Depois de ter crescido numa família que não tinha



Dois papas: Bento XVI e Francisco juntos em 2016

automóvel nem o hábito de ir passar férias, mas em cuja casa se ouvia Schubert e Chopin (o gosto por Carlos Gardel e por Edith Piaf só surgiria mais tarde), Jorge Mario sofreu na juventude uma doença respiratória (foi atingido por uma epidemia de gripe, a asiática) que contribuiu para que lhe fosse removido o lobo superior do pulmão direito. “Aos 20, 21 anos, estive à beira da morte. Abriam-me daqui a aqui e retiraram-me uma parte dos pulmões. Foi um sofrimento terrível nessa altura”, recordou mais tarde.

## Uma Igreja pobre e para os pobres

Quando, na noite de 13 de Março de 2013, a partir da varanda da Basílica de S. Pedro, o cardeal francês Jean-Louis Tauran revelou o seu nome como sendo o 266.º Papa da Igreja Católica, Bergoglio começou por dizer que o foram buscar “quase ao fim do mundo”. Em vez dos tradicionais sapatos vermelhos, insistiu nos velhos sapatos pretos, sob o argumento de que os que usava eram ortopédicos, porque tinha pés chatos; ao latim preferiu o italiano, dispensou toda a parafernália com que costuma enfeitar-se a hierarquia católica, apresentou-se como “bispo de Roma”, enfim, antes de pedir a bênção aos católicos.

Bergoglio era, aos 76 anos, o primeiro Papa latino-americano em dois mil anos de história, o primeiro pontífice não europeu em mais de 1200 anos, o primeiro jesuíta a chegar ao topo da Igreja Católica. Era, além disso, o primeiro a adoptar o nome Francisco. O relato oficial sustenta que se inspirou em S. Francisco de Assis, o mais anti-sistémico dos santos, frugal e dedicado aos pobres, entre os quais viveu, abdicando da herança familiar, e cuja vida foi recentemente apontada como ícone da causa ambiental.

Nas palavras do próprio, porém, foi o cardeal Hummes, com quem estudara, que ao cumprimentá-lo pelo cargo lhe recomendara: “Não te esqueças dos pobres.” Coincidiu que, naqueles dias do conclave, um sem-abrigo vagueava pela praça com um cartaz ao pescoço em que se lia “Papa Francisco”.

## Pobre e para os pobres

Fosse como fosse, esta escolha de nome, inédita até então, continha em si já uma espécie de plano de governo para uma Igreja que se queria “pobre e para os pobres”. Nos dias, semanas e meses seguintes, Francisco, que frequentara as ruas de uma Buenos Aires subjugada a uma violenta ditadura, não cessou de provocar espanto entre os católicos, e muito mais entre os membros da Cúria, pela sua implacável recusa em aderir à ostentação habitual num sumo pontífice.

O facto de ter continuado a guiar o seu Fiat, de fazer questão de transportar as suas próprias malas e de pagar a conta nos hotéis em que se hospedava ajudou a que se afirmasse como uma figura modesta e humilde. Logo após ter sido eleito, mandou colocar duchas e garantiu que haveria um barbeiro disponível para os sem-abrigo que vagueavam na Praça de São Pedro. Ter sido apanhado a escapular-se do Vaticano para comprar óculos e sapatos e a recusa em ocupar o luxuoso apartamento papal, optando antes por partilhar a muito mais modesta Casa de Santa Marta com os dirigentes e funcionários da Santa Sé, onde passou a ocupar o quarto 201, também contribuíram para que aparecesse na capa de revistas como a Time e a Rolling Stone, que o elegeram como um dos ícones da atualidade.

## Anos de encantamento geral

Francisco raramente desiludiu nesses primeiros anos de encantamento geral, muito à custa também do sentido de humor de que foi dando consecutivas

provas. “Sabe como se suicida um argentino? Sobe ao alto do seu ego e atira-se de lá”, contou ao sociólogo Dominique Wolton, para depois, quase em jeito de quem pede desculpa, explicar que, para si, “o humor é aquilo que, no plano humano, mais se aproxima da graça divina”.

Nestas entrevistas, que se estenderam entre fevereiro de 2016 e fevereiro de 2017, Francisco reconfirma toda a sua agenda programática: a vontade de fazer pontes, “porque os muros caem”, os alertas sobre os perigos de tudo submeter “ao deus dinheiro”, num mundo em que “62 privilegiados são detentores da mesma riqueza que 3,5 bilhões de pobres”; a necessidade de compreender o mundo a partir das periferias, geográficas e existenciais; a estagnação e o definhamento da Europa, que passou a comportar-se como “uma avó”.

## A primeira viagem do Papa

Não se pode dizer que a sua visão do mundo constituísse já uma surpresa. O destino escolhido pelo Papa para a sua primeira viagem fora do Vaticano, em Julho de 2013, foi a ilha italiana de Lampedusa, onde desaguavam diariamente muitos refugiados provenientes da África, onde alertou para a “globalização da indiferença”. Foi “chorar os mortos que ninguém chora”, considerou então o historiador católico Alberto Melloni.

Nesse mesmo ano, quando se deslocou ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, fizera questão de visitar a favela da Varginha, no Rio de Janeiro, demorando-se nas casas de vários dos cerca de 30 mil moradores, de dedo apontado às desigualdades do mundo. “A medida de grandeza de uma sociedade é dada pelo modo como trata os marginalizados”, disse então, num raciocínio que levaria depois a diferentes pontos do globo, às periferias mais pobres das Filipinas, ao Sri Lanka, à República Centro-Africana.

Três anos depois, em 2016, e como a atenção midiática teimava em ignorar o drama das vagas de refugiados na Europa e no Mediterrâneo, foi à ilha grega de Lesbos, de onde saiu com 12 refugiados sírios que estavam no campo, permitindo-lhes recomençar a vida em Roma. Não foi um gesto em vão: uma sondagem publicada pouco depois pelo semanário católico La Vie mostrava que 54% dos católicos eram favoráveis ao acolhimento de refugiados na Europa, contra os 38% de um mês antes. Tratava-se, além disso, de cobrar à Europa a fatura de pretender ser o grande baluarte dos direitos humanos.

## Uma mala e um bilhete de regresso

A morte do Papa Francisco deixa um vazio que o setor mais conservador da igreja vai tentar preencher – desde a morte de Bento XVI, no dia 31 de dezembro de 2022, começaram a se tornar agudas as pressões para que, aproveitando o precedente aberto por Ratzinger, Francisco renunciasses ao cargo.

O secretário pessoal do Bento XVI, Georg Gänswein, vem desde então sendo apontado como o rosto visível de uma corrente que se move nos subterrâneos do Vaticano e que se mostrou sempre empenhada em enfraquecer o pontificado de Francisco, desde muito antes de este, contrariando o seu antecessor, ter interditado, por exemplo, a celebração das missas segundo o rito tridentino (em latim e com os celebrantes de costas para os fiéis) nas igrejas paroquiais.

## O mundo e a morte do Pontífice

Os principais jornais do mundo amanhecera, no dia 22, estampando a notícia da morte do papa

Francisco. Os periódicos não se furtaram a reproduzir fotos do Pontífice, falecido na segunda-feira.

A manchete do tradicional italiano Corriere della Sera foi “O papa dos últimos”, em referência ao fato de Francisco ser o religioso dos marginalizados, dos “últimos da sociedade”, dos “menos favorecidos”. Também italiano, o jornal La Repubblica estampou uma foto serena do religioso e repetiu a mesma frase.

O principal jornal dos Estados Unidos, The New York Times, escreveu: “O Papa inovador remodelou a igreja”. Na mesma linha, o também americano The Washington Post destacou: “Papa Francisco morre aos 88 - ele mudou a abordagem da igreja, não sua doutrina”.

Principal jornal de Buenos Aires, cidade natal de Francisco, o Clarín publicou: “O Papa que revitalizou a Igreja e nunca se afastou da política argentina”. O também portenho La Nación estampou uma foto do Pontífice junto a uma pomba, símbolo da paz, com os dizeres: “Um Papa irrepetível”.

O espanhol El País destacou as ações de Francisco durante seu período à frente da Igreja: “O fim de um pontificado social e reformador”.

Na mesma linha das suas reformas, The Times, principal jornal do Reino Unido, publicou: “Outsider com a missão de mudar a Igreja Católica”. O também britânico Daily Mail, com a mesma foto, escreveu: “Ele retornou à casa do Pai”, fazendo referência ao retorno de Francisco ao reino de Deus.

Já o principal jornal da França, Le Monde, destacou as responsabilidades do Pontífice durante seu governo na Igreja Católica: “Francisco, os compromissos de um Papa”.

Um grupo de brasileiros desembarcou na Itália para acompanhar a canonização de Carlo Acutis, jovem de 15 anos cuja santidade seria celebrada no próximo domingo pelo papa Francisco. No domingo passado, quando o papa Francisco deu a bênção de Páscoa, eles conseguiram ficar bem perto do Pontífice, na Praça de São Pedro.

## Em caixão de madeira e no chão de terra

A terça-feira 22 foi o dia em que o mundo viu, pela primeira vez, o papa argentino depois de morto: em caixão de madeira, e não nos três encaixados, pomposos, em chumbo, cipreste e carvalho, como é tradição. Francisco, “vindo do fim do mundo”, como dizia, veste uma casula vermelha e uma mitra branca. Nas mãos, um rosário.

Fiéis e turistas ensaiaram o rito da despedida: houve missas simultâneas na Basílica de São Pedro no altar principal, sobre o túmulo onde, segundo os católicos, encontram-se os restos mortais de São Pedro, e também nos altares secundários.

O túmulo de João Paulo II, no interior da basílica, é um dos mais disputados para oração. Talvez só o papa polonês rivalize na história recente com Francisco em popularidade.

Do lado de fora, rosas e velas: algumas com o rosto de Francisco entre outras com as imagens de Jesus e de Maria.

O argentino será sepultado neste sábado, dia 26, às 10h (5h, no horário de Brasília), a 5 quilômetros do Vaticano, na Basílica de Santa Maria Maggiore, conforme desejo expresso por Francisco em testamento.

Após o trajeto pelas ruas de Roma, quando certamente serão ouvidos gritos de Santo Subito (Santo Já), chegará a seu refúgio, seu local de oração a cada viagem apostólica. No chão de terra, em caixão simples, Francisco descansará para sempre. De forma humilde como viveu e governou o trono de São Pedro.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Carla Duque Salgueiro



Jenilce Pavão



Flávia Barbosa

# MULHERES QUE SEMPRE BRILHAM

**E**m um mundo que celebra conquistas e carreiras, a exposição “Mulheres Brilhantes” que o fotógrafo Herbert Alves realizará no dia 9 de maio, no Convento das Mercês, é o reconhecimento de que o verdadeiro brilho reside na essência de cada mulher. E assim ele está convidando para participar do projeto um seleto grupo de mulheres que, com suas histórias e presenças, iluminam o mundo de maneira única e inspiradora.

O artista propõe, nessa exposição, celebrar a

diversidade do brilho feminino, desde mulheres que se destacam em suas carreiras, até aquelas que, com sua força, resiliência e paixão, inspiram todos ao seu redor.

E acredita que a história e o brilho de cada uma delas merecem ser celebrados e compartilhados com outras mulheres, sendo exclusivamente único evento com tal finalidade no Maranhão.

E para cada uma das mulheres convidadas a participar dessa experiência transformadora, ele diz que

ela terá a oportunidade de celebrar sua individualidade e sua beleza única em uma sessão de fotos profissional, ter sua história e seu brilho eternizados em um catálogo de luxo, conectar-se com outras mulheres inspiradoras em um evento de gala exclusivo e vivenciar uma experiência artística única, com fotos e instalações para celebrar a força feminina.

A seguir, algumas das mulheres que irão compor a exposição de fotos de Herbert Alves no Convento das Mercês.



Ana Paula Vieira da Silva



Desembargadora Oriana Gomes



Weslyanny Costa



Jaerli Rolim

**Evandro Júnior**  
 evandrojr@mirante.com.br

# TAPETE VERMELHO

\_evandrojr  
 @evandrojr

Fotos/Divulgação



A cantora maranhense Anna Torres, radicada na França, representou o Brasil cantando no World Att Day International Forum, um evento da Unesco realizado em Paris no último dia 23 de abril. Anna cantou a música autoral 'Uma brasileira em Paris'. Ela usou figurino criado pelo estilista e artista plástico Geraldo Frazão, maranhense que reside em Londres



A artista também foi a embaixadora do Maranhão em uma participação especial do baterista maranhense Isaías Alves no show 'Emaranhado', realizado no Baiser Salé

A AMOVINHO BISTRÔ & ADEGA (Parque Shalon) realizou a primeira edição do 'Negócios & Vinhos', evento destinado ao universo empresarial visando networking e troca de experiências. Com curadoria do professor de Negócios e escritor Fernando Coelho, o encontro contou com a presença especial do empresário Márcio Brasil, CEO do Grupo Terra Zoo. Foi uma conversa informal sobre tendências de mercado, gestão empresarial e estratégias de crescimento, tudo na companhia de uma seleção dos melhores vinhos e da alta gastronomia que a casa oferece.



Almiron Marinho com Catiano, Fernando Coelho e Luiz Tarquino



Fernando Coelho e Márcio Brasil

## Rótulos em avenida

Um muro de um trecho da nova Avenida Litorânea terá imagens iguais às criadas para os rótulos do vinho Almar, um produto autoral da AmoVinho Bistrô & Adega, de propriedade dos empresários Almiron e Calheiro Marinho e localizado no Parque Shalon. São imagens que homenageiam os guarás, a Rua do Giz, a Rota dos Lençóis, as ruínas da igreja de Alcântara, o monumento aos pescadores e o bumba meu boi do Maranhão.

## Edi Bruzaca e Bruno BNK

O trabalho é assinado pelos artistas grafiteiros Edi Bruzaca e Bruno BNK, os mesmos que criaram os rótulos a pedido da AmoVinho. O convite partiu do governador Carlos Brandão, por intermédio do secretário de Estado da Juventude, Thiago Prado.

## Label Terapy

Pela primeira vez em São Luís, a label Terapy promete agitar os amantes da boa diversão neste sábado (26), a partir das 16h, na Casa dos Smiths (Calhau). O anfitrião da noite é ninguém menos que Henry Freitas, um dos nomes mais promissores do forró atual.

## Rogerinho e Taty Girl

O evento ainda contará com apresentações dos artistas Rogerinho e Taty Girl, reunindo três grandes potências da música em um só palco e com megaestrutura. Com hits como "Imã de Problema" e "Tando", Henry Freitas vem conquistando o Brasil e vive o melhor momento da carreira. Para celebrar essa fase de ascensão meteórica, o artista lançou, em fevereiro, a label Terapy, um projeto que tem rodado o país levando um verdadeiro espetáculo aos fãs.

## Recepcionista de evento

Vem aí a oitava edição do curso de formação para recepcionistas de eventos, uma realização do Essencial Cerimonial, sob o comando de Karina Marçal. É dia 27 de abril, das 8h às 20h, no Salão Blue Ocean do Hotel Blue Tree (Calhau).

É ideal para quem deseja conhecer o que acontece no mundo dos eventos, desenvolver uma nova atividade e obter uma renda extra. Está aí uma excelente oportunidade.

Serão 12 horas de imersão, onde serão abordadas as particularidades dos diversos tipos de evento e o papel do recepcionista em cada um deles. Nesta edição, haverá a participação de destacados nomes do mercado maranhense, enriquecendo ainda mais o momento de aprendizado e reciclagem. A inscrição inclui almoço no Oito Restaurante, certificado e diversas experiências.



O simpático jovem Fabrício Vieira, filho da jornalista Danielle Vieira, que ao lado da irmã, Adriana Vieira, comanda a Intermídia Comunicação Integrada, celebrou seus 18 anos em família na adega da Villa do Vinho Bistrô, no bairro Cohama, onde recebeu os votos de felicidade cercado das pessoas que mais ama



Os irmãos Matheus e Fabrício Vieira Domingues



O casal Danielle Vieira e José Domingues Neto



Família reunida para a celebração do aniversário intimista de Fabrício Vieira



Adriana Vieira com a mãe, Maria Carmen Vieira